

As assim chamadas “Questões Ambientais” infelizmente viraram moda. Entretanto muitos pesquisadores, fugindo aos reducionismos característicos do modismo e munidos dos rigores que devem fazer parte da boa pesquisa acadêmica enfrentaram o desafio de discutir questões prementes do nosso tempo sem cair na armadilha de colocá-los simplesmente como problemas ambientais, afinal problemas é um atributo do humano. É este o sentido geral do **Dossiê Meio Ambiente e Sociedade**.

Partindo de uma perspectiva sociológica crítica Norma Valêncio analisa a Política Nacional de Recursos Hídricos argumentando a partir de aspectos das tensões entre a racionalidade econômica e os direitos sociais. Como estes recursos são condição para existência e sobrevivência a autora deixa claro que o acesso a este bem vital é revelador de desigualdades e como as disputas pela água não dizem respeito a problemas de cunho hidrológico.

Gleice D. Souza e Wagner C. Ribeiro discutem o Projeto NavaGerar. Experiência brasileira inspirada no Protocolo de Kyoto. Este tratado prevê a criação de mecanismos de Desenvolvimento Limpo que foram aplicados experimentalmente no Município de Nova Iguaçu – RJ trazendo, segundo os autores melhorias socioambientais. Para introduzir o tema e deixar o leitor não especialista situado é feita uma contextualização sobre o surgimento das inquietações ambientais e das mudanças climáticas.

Hervé Thery e Neli A. de Melo analisam mecanismos globais voltados para construção de políticas públicas de meio ambiente. Defendem a tese de que a viabilidade destas políticas está condicionada aos mecanismos de regulação, consertação e de comunicação. A partir daí mostram como políticas de bem comum são estabelecidas via convenções e acordos e como produzem reflexos diversos nos países signatários. Hervé e Neli, dois geógrafos de boa cepa, um francês a outra brasileira não poderiam pensar senão a partir deste lugar. É por isso que a análise internacional-local se calca sobre os reflexos territoriais dos mecanismos globais.

O mercado Mundial de Carbono é analisado por Sara G. M. de Godoy, que parte da preocupação em relação ao chamado aquecimento global e mostra como o mercado de carbono sai do âmbito puramente ambiental para o econômico e social. Corroborar com a ideia – irrefutável? – de que há um aumento das temperaturas do planeta e de que estas são frutos de ações antropogênicas.

Ao colocar o Meio ambiente e o desenvolvimento sustentável como uma metáfora do capitalismo atual Maria A. de Souza, geógrafa instigante e grande parceira do saudoso Milton Santos, nos brinda com um texto que é um contraponto a alguns dos artigos deste dossiê e ao ambiente de unanimidade que se estabeleceu em torno de algumas questões ditas ambientais. Faz severa crítica a universidade

por ter, via de regra, absorvido o conceito de desenvolvimento sustentável sem questioná-lo, para ela um conceito sem base metodológica e epistemológica. Assim sendo se propõe: a) introduzir elementos não consensuais na discussão sobre meio ambiente e sustentabilidade; b) discutir questões metodológicas, epistemológicas e éticas no trato dos problemas do planeta; c) averiguar o papel das diferentes disciplinas no trato da questão ambiental; d) aprimorar questões teórico-conceituais. Como não poderia deixar, ao final propõe uma abordagem da questão via os nexos territoriais e as bacias hidrográficas.

É este o banquete que o leitor encontrará neste dossiê. Bom apetite a todos.

Aldo Aloísio Dantas da Silva